

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 29 de fevereiro de 2012**

*Texto de referência: Na Origem da Pretensão Cristã (cap. I e II).
São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012 (pp. 23-42).*

- *Non son sincera*
- *Romaria*

Glória

Carrón: Impressiona que, desde a primeira linha da *Introdução*, Dom Giussani tenha uma preocupação decisiva que nós – se o quisermos seguir e entender – não podemos pular. Por isso, acho que este parágrafo inicial é decisivo: não podemos nos dar conta, de verdade, do que quer dizer Jesus Cristo se cada um de nós não tiver esta consciência terna e apaixonada de si mesmo. Então, no que nos ajudou esta insistência de Dom Giussani no trabalho que fizemos sobre estes dois capítulos que tematizam o que sou eu?

Colocação: *Indo adiante no tempo, sou invadido um pouco pela preocupação de que eu possa mudar, de que eu possa me tornar adulto, e que o tempo que passa não me faça voltar para trás, ou seja, que seja útil para a minha vida. Em suma: um nível de desempenho cada vez maior. E fiquei impressionado – foi, para mim, um presente, uma graça – com aquilo que você disse no dia 25 de janeiro [apresentação pública do novo livro da Escola de Comunidade]: “Cada um de nós foi alcançado por Cristo. Quanto mais a pessoa é alcançada, tanto mais corre para alcançá-Lo ainda. [É neste ponto que fico tocado:] O que se persegue não é mais, em última instância, nem mesmo a mudança, ou seja, uma medida nossa do centuplo, mas a Sua Presença, o relacionamento com Ele, como acontece em cada relacionamento amoroso plenamente humano: nada satisfaz a não ser a presença da pessoa amada. Isto coloca no mundo uma figura de homem irredutível, que não se contenta com nenhum objetivo ‘intermediário’”. Presenteou-me com uma paz de fundo, porque eu sou este homem, e desejo ser irredutível e continuar a ser apaixonado dessa maneira, porque me parece que, objetivamente, eu não posso prescindir de Jesus.*

Carrón: Tantas vezes, por trás das palavras que usamos já está presente a questão de fundo: reduzimos, sem nem mesmo nos dar conta disso – como ele dizia no início –, a natureza do cristianismo a um certo tipo de mudança, a um desempenho. Por que isto acontece? Esta é a questão mais decisiva que nós precisamos enfrentar, porque sabemos muitas coisas sobre o cristianismo, mas a maioria das vezes em que falamos dele o reduzimos; o reduzimos a ética, a uma imagem de mudança, a doutrina, a algo de já sabido, o reduzimos a um desempenho (dever ser segundo um certo modelo), a um sentimento ou a um sucesso no sentido de êxito. Por isso, fico tocado com o fato de Dom Giussani dizer logo depois, na *Introdução*: “Para não considerar o cristianismo de um modo redutivo [está é a questão!] será preciso recorrer às noções de abrangência e completude que permitem perceber [...] o senso religioso” (pp. 11-12). Se reduzimos o senso religioso, ou seja, a natureza do nosso eu, inevitavelmente reduzimos o cristianismo. Dou um exemplo que já usamos outras vezes: é evidente que acontecia o mesmo também aos discípulos, eles também desejavam uma mudança, eles também desejavam o sucesso, e quando os obtiveram ficaram entusiasmados e pensaram: “Olha só! O cristianismo é isso”. Como Jesus corrige os discípulos? De onde nasce o deslocamento? Nasce do olhar que Jesus sobre eles, o olhar que capta, sem reduzi-lo, o seu senso religioso, o drama do seu eu: “Prestem atenção, amigos, que se vocês se alegrarem com isto, isto não vai lhes servir para vocês se levantarem amanhã cedo”. Atenção: não é que os discípulos não O tivessem diante de si, não é um problema apenas de tê-Lo diante dos olhos; eles O tinha na frente, carnalmente – e nós, tantas vezes, nos lamentamos de não O ter! –, presente, mas isto não bastava para captar a diversidade, para captar a verdadeira natureza dEle. Tanto é verdade que eles ficam mais contente com o sucesso do que com o fato de tê-Lo na frente, e Jesus precisa deslocá-los, deve

introduzi-los ao próprio mistério, deve torná-los conscientes, deve introduzi-los àquela consciência terna e apaixonada de si mesmos, sem a qual não seriam capazes de entender que a verdadeira alegria, que a verdadeira resposta está no relacionamento com Ele, no fato de eles terem sido escolhidos. Veem o quanto vale a objeção que tantas vezes fazemos por não sermos “sortudos” como os discípulos? Não é esta a questão, porque eles têm tudo aquilo que nós nos lamentamos de não ter, e no entanto não basta para captar automaticamente quem é Cristo, e por isso, para encontrar o fundamento da verdadeira alegria que é o relacionamento com Ele. Faltava a eles esta consciência de si, que Jesus capta neles, aquele olhar com o qual Jesus os olha. Atenção: não é que Jesus “crie” aquilo que eles são, não, Jesus simplesmente não aceita reduzi-los àquilo a que eles se reduzem por si mesmos, ou seja, os olha segundo a sua verdade. Se isto não se torna experiência em nós – diz Giussani –, inevitavelmente reduziremos o cristianismo; podemos falar do cristianismo como acontecimento, podemos falar de tudo usando todas as palavras sacrossantas, mas tão logo abirmos a boca tudo será reduzido. Porque não basta dizer as palavras para mudar a concepção de si, é preciso uma experiência, um olhar sobre si que seja decisivo. E por isso são fundamentais estes dois primeiros capítulos. Pergunto-me: quem de nós, no trabalho feito nestas semanas, leu algo que o tenha deslocado no seu modo de conceber-se a si mesmo? Porque esta é a Escola de Comunidade. Quem, de todos os que estão aqui, pode nos contar algo no que tenha visto, tenha tocado com a mão, uma percepção de si diversa? De outra maneira, reduziremos Cristo.

Colocação: *A propósito de deslocamento, eu gostaria de lhe contar como um fato acontecido entre ontem e hoje é a verificação disto. Desde o dia 25 de janeiro, mas também trabalhando sobre estes capítulos, dentro de mim as coisas que você dizia mexiam comigo, ou seja, que a verificação da passagem do senso religioso para a fé é um eu humano diverso que se coloca no real. Uma amiga muito querida me havia feito perceber toda uma série de características minhas, de como eu estava trabalhando e de como eu me aproximava da realidade, que me faziam entender perfeitamente que eu, pelo contrário, tinha um modo absolutamente analítico de trabalhar, exatamente como todos, portanto com uma contribuição para o mundo nula. E esta é a primeira verificação. Acontece um fato. Sou cardiologista, comecei a trabalhar há pouco tempo e, seja por inexperiência, seja por medo de errar, seja por tantas outras coisas, comecei o plantão e recebi um chamado para uma consulta a uma mulher de que um colega meu já me havia falado. Para mim, não era uma solicitação necessária, não era preciso me chamar; esta mulher já havia sido avaliada pelo centro de referência no dia anterior, portanto, o que mais eu podia acrescentar? Quando me chamaram eu nem procurei a colega que me envolveu no caso. E com esta posição absolutamente redutiva e preconcebida, como se a realidade fosse o lugar do medo, subi. Fiz a consulta, fechei o prontuário e fui para casa. A conta não fechava, não fechava mesmo! Eu estava com um vazio por dentro, gritante. Você continua dizendo: “A verificação é um eu diverso”; eu, pelo contrário, me via tendo trabalhado como todos: meu eu reduzido, reduzido todo o meu desejo de construir no trabalho, reduzido o relacionamento com aquela paciente (de fato, eu até mesmo olhei pouco para ela). A conta não fechava.*

Carrón: E por que a conta não fechava? Porque não havia desempenhado bem o seu papel?

Colocação: *Não, clinicamente eu não tinha dúvidas, mas não era a verdade de mim que você dizia, não era a verdade daquela realidade. E me tocava porque, dentro daquela realidade, eu estava me dando conta de que, pelo contrário, eu fui olhada diversamente, e aquelas palavras que continuavam a ribombar dentro da minha cabeça me diziam outra vez qual é o caminho. De forma que, hoje, voltei àquele departamento, reencontrei a pessoa com a qual havia falado ao telefone e lhe disse: “Antes de mais nada, eu queria me desculpar pela forma como me aproximei ontem”. E desse ponto em diante partiu uma conversa muito interessante, abriu-se um mundo, até o ponto em que, no fim, eu lhe disse: “Escuta, eu não voltei aqui por causa de uma dúvida clínica, mas exatamente por mim, por causa dessa dúvida de verdade”. No fim, retomei o prontuário e voltei a falar com o consultor daquele departamento, que entende mais do que eu sobre aquilo; falando sobre todo o caso, ele me fez notar também alguns aspectos clínicos que eu não havia aprofundado.*

De tal forma que voltei pela terceira vez ao departamento – o orgulho é um de meus traços de personalidade mais inconfundíveis, eu nunca voltaria atrás por causa de uma ideia ou um pensamento –, procurei aquela colega e lhe disse: “Desculpe-me, ontem eu quase a insultei e hoje estou aqui...”. No fim, ela me disse: “Não tem problema, aprende-se, a coisa é dinâmica. Obrigada por ter voltado”. E eu pensei: com esta abordagem diferente, que me permitiu ter uma visão completa sobre a realidade, até mesmo Cristo me ensina a trabalhar! Eu, com a minha análise, não havia conseguido emergir, era um relacionamento super redutivo que me esvaziava. Hoje, quando voltei para casa, eu disse a mim mesma: esta é uma outra vida, é uma outra possibilidade. Eu verifiquei isto, não posso mais arrancá-la de mim.

Carrón: Obrigado. A vida pode ser uma outra coisa!

Colocação: *Conto o que vejo que me desloca realmente na vida, mas depois gostaria de fazer uma pergunta. O que realmente me permite estar diante de tudo o que sou, diante de toda a pergunta que sou, diante da realidade, é um relacionamento que abraça toda a minha vida, um relacionamento muito concreto com certas pessoas que me mostram que eu posso estar diante das minhas perguntas, posso não ter medo daquilo que vivo. A pergunta que permanece em mim, e que eu vi também emergir muito entre nós, é como esta postura pode permanecer, porque mesmo quando eu estou num relacionamento com estas pessoas, depois, é como se me bloqueasse, como se eu dissesse: “bem, agora, pronto, encontrei a resposta”. Não entendo, então, o que quer dizer que a resposta aumenta a pergunta. Em que sentido o relacionamento com Cristo continua a escancarar a minha humanidade, continua a manter aberta a pergunta? Porque me acontece isto: nas coisas “normais” é clara como dinâmica (o exemplo que você faz sempre do apaixonar-se é muito claro porque diante da pessoa amada eu não espero que a pergunta diminua nem que a resposta diminua), mas diante das perguntas últimas é como se me concebesse sempre de maneira diversa.*

Carrón: Qual é a diversidade?

Colocação: *Você ainda fica preso. Como é possível? Eu encontrei a resposta, como é possível que, ao invés, ainda emergja esta exigência? Eu encontrei o que responde, o que torna pleno o relacionamento, como é possível que, ao invés, eu me encontre ainda necessitado? Quando acontece que eu não me sufoque? Quando estou diante de alguém que escancara outra vez todo o meu eu. Porém, depois, é como se, de repente, eu o reduzisse, pensando: “bem, está tudo certo”.*

Carrón: E então? Assim como você está entendendo o que acontece na dinâmica do apaixonar-se, você deve olhar o que acontece quando reconhece Cristo presente, se esta mesma dinâmica se reproduz ali. Do contrário, começaremos a imaginar. A dinâmica não é diferente, simplesmente é cem vez mais, porque quanto mais é excepcional uma presença que o arrasta... Imagine como diante da excepcionalidade de Jesus a pergunta vinha à tona: mas, quem é este? E isto, no tempo, diminuía ou quanto mais viam as coisas que fazia tanto mais o maravilhamento crescia? Explico-me? Mas, isto pode ser compreendido não como explicação (que você já sabe, além do mais), mas apenas como surpresa diante daquilo que acontece. Você pode entender isso não rodando a cabeça para lá e para cá, mas olhando o que acontece quando lhe acontece, e então será capaz de encontrar a resposta. Porque verá que a dinâmica, então, não será diferente, como vemos nos discípulos. Mas, você precisa documentar isto na sua experiência mesma, na carne da sua experiência.

Colocação: *A coisa impressionante é que o fato aconteceu agora, quanto ao que diz respeito a mim, porque eu havia feito uma escadinha para mim e você a derrubou, positivamente falando, no sentido de que eu acabei de me reencontrar com aquilo que você dizia sobre os apóstolos e do percurso que fizeram, que não é diferente do nosso, porque o Pai eterno me tirou do lugar duas vezes, por bem, recolocando-me diante da pergunta que você fazia: onde está a verdadeira insatisfação? Há um ano, mais ou menos, encontrei um trabalho que me correspondia muito, satisfazia exatamente aquele pedacinho que, para mim, faltava para o meu sucesso, o famoso sucesso.*

Carrón: Esta já é primeira questão: nós trocamos constantemente a “correspondência” pelo “sucesso”, e isto já diz da redução que fazemos do eu.

Colocação: *É verdade, mesmo porque, no fundo, era uma pergunta sobre as minhas capacidades: dou conta ou não dou conta. Então: experiência belíssima, devo dizer extraordinária, não posso dizer de outra forma, fizemos até mesmo um evento muito bonito, foi ótimo; porém, num certo ponto, no máximo da satisfação, houve uma fração de segundo na qual eu disse: “está tudo aqui?”. E nesse ponto, no máximo da satisfação – eu tinha mesmo que atravessá-la inteira – eu disse: “ah! não!”. O que me interessa é o relacionamento com Jesus. Vinha-me em mente a frase: “És Tu que me faltas em tudo aquilo que me agrada”, porque, no fundo no fundo, eu entendia esta frase intelectualmente, mas não havia chegado até o ponto de atravessá-la inteira na experiência. Isto, até final de novembro. No início de dezembro: revolução copernicana, os recursos, de repente, começaram a faltar, e para dizer bem brevemente, parou tudo – manteve-se o relacionamento, o que é ainda mais doloroso, porque, de qualquer maneira, ele havia sido criado, criou-se, existe ainda, um relacionamento de grande amizade –, e, do nada, me mandaram para casa. E foi então que houve o segundo deslocamento, porque foi em meio a uma dificuldade econômica maluca (devo dizer que nunca enfrentei uma dificuldade assim), me disse: “mudou a forma, mas não mudou a pergunta, Ele está me perguntando onde está a minha consistência”. Na sexta-feira, fui reencontrar aquela pessoa, não sei se retomaremos, mas o que ninguém mais pode me arrancar é esta experiência.*

Carrón: Mas, o que você aprendeu com isto? Explique-me bem no que você percebeu aquilo que estamos tentando responder: o que é Cristo? Porque tantas vezes não apenas erramos fazendo iguais duas coisas que são diferentes – sucesso e correspondência –, como também trocando Cristo por qualquer outra imaginação que nos vem. E isto, no fim, para onde nos leva? Que não captamos o que é Cristo.

Colocação: *Porém, de verdade, se falta aquele humano, aquela percepção de si tão clara, que, depois, é o que vence...*

Carrón: É por isso que me interessa; não me interessa que não erramos, porque se através de um erro você aprendeu isto, é a melhor coisa que lhe aconteceu na vida! De outra forma, por que devemos seguir Cristo? Qual é o interesse que Cristo tem para nós? Qual é a diferença entre Cristo e qualquer outra coisa?

Colocação: *Exatamente pela verdade de mim, pela minha consistência.*

Carrón: Exato. Mas, eu posso entender a diversidade de Cristo, por isso captar o que é Cristo, dar conta plenamente do que quer dizer Jesus Cristo, diz Giussani, apenas se não reduzo o eu, se não reduzo o meu eu. Por isso, olhem o que ele diz logo depois do trecho que li para vocês antes: “Portanto, se o que eu quero é situar o vir à tona do cristianismo, será útil recuperar alguns aspectos decisivos do senso religioso” (p. 11). Não retoma, agora, o senso religioso como um enfeite, mas exatamente com o objetivo de entender o que é o cristianismo, porque – diz – sem isto não o entenderemos, o reduziremos. Isto “coincide com a dimensão racional [com toda a exigência da razão] [...] com a razão no seu aspecto último e profundo. [Coincide com aquele] impulso global e totalizante que chamamos de senso religioso, [...] coincide [...] com a urgência de um alcance total e de uma completude exaustiva” (p. 12). Se não tivermos a lealdade, este olhar cheio de ternura por nós mesmos, reduziremos o cristianismo. Desculpem-me, estas coisas estão sendo inventadas por Giussani, ou ele está descrevendo o que é cada um de nós? Se esta é a descrição do tecido de que somos feitos, cada um deve buscar surpreender isto nas vísceras do próprio eu, “oculto [...] dentro de todo dinamismo e de todo movimento da vida humana, que por isso se caracteriza como projeto desenvolvido por aquele ímpeto global, [...] [que chamamos] senso religioso” (pp. 12-13). Olhem que tudo o que Dom Giussani está dizendo é tão decisivo que o cristianismo, no tempo moderno, reduziu-se exatamente porque a primeira coisa que se reduziu foi o eu! Eis porque Giussani, aqui, está dizendo algo decisivo para nós, porque sem isto inevitavelmente reduziremos o cristianismo, mesmo se usarmos todas as palavras cristãs. Por isso, peço-lhes Aliás, é o que menos sabemos, ousar dizer, porque se vê na forma como falamos das coisas. De fato, o que deveria estar sempre mais

presente, consciente, familiar? O senso do mistério que somos nós. Mas isto – e o vemos tantas vezes – é o último pensamento que temos, e por isso ficamos com raiva de nós mesmos, ficamos com raiva do real, procuramos coisas que, uma vez encontradas, não servem de forma alguma. Dom Giussani diz: essa “eterna situação de desproporção e da inacessibilidade [o fato que eu não consiga chegar] [...] facilita, na consciência, o surgimento da ideia de mistério” (p. 14). Sem que isto cresça constantemente na nossa autoconsciência de homens, inevitavelmente nos relacionaremos com o acontecimento cristão de forma redutiva, e o trocamos por qualquer outra coisa (como aconteceu aos discípulos de trocá-lo por qualquer outra coisa). Por quê? Porque, no fundo, não nos demos conta plenamente do que quer dizer Jesus Cristo. Mas, isto não é um problema de desempenho, não é um problema ligado ao ser melhores ou ao cometer menos erros; é o problema de perceber corretamente a realidade, captar de modo verdadeira e plenamente consciente o que quer dizer Cristo. Se pularmos isto pensando que já esteja claro, leremos o resto do livro e continuaremos a reduzi-lo, com a consequência inevitável de perdermos o melhor. Porque garanto-lhe isto: perderemos o melhor! Apenas quando tomarmos consciência de nós mesmos, é que, então, nos daremos conta de que graça representa Jesus Cristo.

Colocação: *Na apresentação, você citou Dom Giussani: “O cristianismo acontece em comunhão, mas se joga todo na liberdade da pessoa” (Passos 135, março 2012, p. 15). Peço-lhe um aprofundamento, em termos de método, exatamente quanto a isto. Em relação à companhia, de fato, você diz em seguida: “O nosso sustento não pode ter [...] outra lógica diferente da do testemunho. [...] À pretensão cristã só posso responder eu diante do Senhor”. No passado recente, foi-me dado viver algumas circunstâncias em determinados âmbitos ligados ao movimento, que se revelaram ser uma grande ocasião para verificar a minha fé. Nesses contextos, foi obrigada a comparar a experiência em ato de regeneração, quase diria de revolução, do meu eu, sobretudo graças ao trabalho que estamos fazendo, com um certo tipo de postura que eu ousaria definir como de renúncia ao próprio coração e, portanto, de renúncia a Cristo. Estas experiências aumentaram em mim a inquietude, antes, num certo sentido me fizeram descobrir esta inquietude como recurso – gosto muito quando São Paulo diz: “A realidade, porém, é Cristo, e tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus, e morrer é lucro” –, porém, sempre percebi a realidade como algo fora de mim. Esta experiência é como se me tivesse dado uma grande ocasião para descobrir como Cristo me surpreende através da minha inquietude, e como a minha inquietude é um recurso, que é um pouco como aquilo que você dizia antes, mesmo porque foi um instrumento para não permanecer presa a certas dinâmicas. Por isso, estas experiências aumentaram em mim a inquietude, obrigando-me a uma mendicância renovada que me faz reconhecer mais, como companheiros de caminho – esta é uma passagem –, os publicanos de evangélica memória. Cito isto como postura, porque recentemente escutei na Missa esta passagem do Evangelho, e me parecia exatamente que me correspondesse. “O publicano, porém, ficou a distância e nem se atrevia a levantar os olhos para o céu; mas batia no peito, dizendo: ‘Meu Deus, tem compaixão de mim, que sou pecador!’. Eu vos digo: este último voltou para casa justificado, mas o outro não [que era o fariseu]. Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado”. Dentro desta dinâmica que estou descrevendo, fiquei muito tocada – leio um pedacinho – com a homilia do Santo Padre na Solenidade da Epifania do Senhor: “O coração inquieto [...] é o coração que, em última análise, não se satisfaz com nada menos do que Deus e é, precisamente assim, que se torna um coração que ama. O nosso coração vive inquieto por Deus, e não pode ser de outro modo, embora hoje se procure, com ‘narcóticos’ muito eficazes, libertar o homem desta inquietude”. Volto ao discurso inicial; pois bem, na experiência a que me refiro eu vi como a companhia, às vezes, arrisca, ao invés de ser um lugar de testemunho vivo, reduzir-se a um dos tantos “narcóticos” de que fala o Papa. Trata-se de uma reviravolta do método que ao invés de favorecer uma plena consciência de si e do próprio ser feito para o Mistério, para o infinito – “de que é falta esta falta?” –, tende muito mais a achatar o desejo e a pergunta, e a favorecer a famosa postura da escada rolante. Ao contrário, a fidelidade àquilo que Newman chama “consciência” e que Dom*

Giussani define como “coração”, melhor ainda, e Bento XVI “coração inquieto”, é interpretada como individualismo ou autonomia ou, pior ainda, como falta de tensão à obediência. Portanto, é como se, em certos contextos – esta é a percepção que eu tive – o eu não tivesse que existir mais. Então, a pergunta é: como se emerge disso? Mesmo porque, às vezes (não quero dizer que todos são farinha do mesmo saco), me parece quase que se deva escolher entre a companhia e o próprio coração.

Carrón: Esta é uma alternativa que não se coloca. Mas isto a que você nos chama a atenção é fundamental, porque cada um de nós é chamado pelo nome – do contrário, seria necessário apagar o Evangelho! João, Maria, Zaqueu, Mateus... Cada um de nós é chamado pelo nome, cada um é chamado a responder em primeira pessoa, por isso não existe, como dizíamos em um certo momento, não existe nada de mais pessoal do que esta resposta. Pode ser que, às vezes, não possamos reduzir o nosso modo de estar juntos, mas isto nunca será a companhia total do movimento; podemos reduzir algumas modalidades de viver a companhia, mas não a companhia por si mesma, porque a companhia, desde o momento em que o Senhor nos dá a graça de vivê-la segundo o carisma que nos foi dado, será sempre uma ajuda para viver a realidade. Depois, de alguma maneira, podemos usá-la – para dizer com o Papa – como um “narcótico”. Explico-me: por causa daquilo que nos aconteceu, tendencialmente fazemos uma experiência do viver melhor do que quase todos os homens que conhecemos, mas isto pode ser, como para os discípulos, algo que, ao invés de criar uma tensão cada vez mais intensa, nos faz nos acomodarmos cada vez mais; ao invés de introduzir uma tensão, introduz uma calma que achata. Quero ser claro: isto nunca será a companhia cristã, mas uma deformação sempre à espreita da companhia cristã. Por isso, não podemos sucumbir a esta alternativa companhia-eu, porque fazemos o caminho juntos; mesmo que seja apenas lendo Dom Giussani, encontramos ali tudo aquilo de que precisamos para sentir esta tensão, um chamado de atenção à verdade dentro da nossa companhia (mesmo se todos nós fôssemos reduzidos). Mas basta apenas um instante, pela forma como estamos juntos, ou por aquilo que nos dizemos quando estamos juntos, para recolocar em movimento toda a tensão no nosso eu. E quando alguém, nos nossos ambientes, quer reduzir esta dinâmica é preciso desafiá-lo, porque sem um lugar como a Igreja, um lugar como o Movimento, onde constantemente somos despertados, sucumbiríamos ao achatamento total. Por isso, a companhia é decisiva para o eu, mas a companhia é feita de “eus” vivos, e isto é aquilo para o que devemos tender e aquilo que devemos pedir. Porque é assim que nos tornamos verdadeiramente companheiros: quando testemunhamos uns para os outros o que é viver. Tudo o que enfrentamos esta noite é fundamental que seja testemunhado uns para os outros no modo com o qual estamos no real e vivemos no real. Por isso, quero lançar uma vez mais este desafio a cada um de nós. Estes capítulos são decisivos porque sem tê-los presentes, nós, inevitavelmente, reduziremos Cristo, não poderemos nos dar conta de verdade e plenamente do que quer dizer Jesus Cristo. Uma pessoa me escreveu dizendo que isto só pode acontecer com Cristo presente; e isto é verdade, porque o estamos vivendo já de dentro da fé. Todavia, dizer “Cristo presente” não pode ser um alibi, porque mesmo de dentro da fé este olhar, esta consciência atenta, terna e apaixonada de mim mesmo é algo a que eu devo me educar constantemente. De fato, quando, no ano passado, repetimos tantas vezes que Cristo veio para nos educar ao senso religioso, pretendíamos exatamente dizer que veio para nos educar a esta percepção do eu. Por isso, crescer na percepção do Mistério é decisivo para poder captar quem é realmente Jesus Cristo.

Para a próxima vez, leremos os capítulos III e IV de *Na origem da pretensão cristã*. Interessa-me destacar duas coisas para este trabalho. Uma é que, neste capítulo, emerge a pergunta de Dostoiévski: “Um homem culto, um europeu dos nossos dias, pode acreditar, crer de verdade, na divindade do filho de Deus, Jesus Cristo?” (p. 49). É esta pergunta que deve continuar presente ao trabalharmos estes capítulos: o que pode tornar razoável responder a esta pergunta? E daqui, uma passagem decisiva é a que vamos ler no terceiro capítulo sobre a reviravolta do método. Por isso, lanço-lhes esta pergunta: no que surpreendo a reviravolta de método na minha vida? Em que coisa me surpreendo se

ainda estou no senso religioso ou se já estou na fé? Porque este primeiro parágrafo tão decisivo pode ser repetido por todos, mas tantas vezes, na prática da vida, nós, mesmo usando as palavras cristãs, estamos ainda utilizando o método do senso religioso. No que descobro que aconteceu em mim uma reviravolta de método na experiência, de tal maneira que ele não fique reduzido apenas a uma explicação intelectual, não sabendo do que estamos falando na experiência mesma? Porque se não se entende isto, quer dizer que será difícil – ou melhor: impossível – se dar conta, de verdade, do que quer dizer Jesus Cristo, mesmo se pensarmos que já o sabemos porque usamos certas palavras cristãs. Por isso, dou-lhes esta sugestão de método para nos ajudar no trabalho.

Avisos:

- A próxima Escola de Comunidade será na quarta-feira, dia 28 de março, às 21h30.

Retomaremos os Capítulos III e IV de *Na origem da pretensão cristã*.

A propósito da Escola de Comunidade, convido vocês a lerem, no novo site de CL (na seção especialmente dedicada à Escola de Comunidade) a síntese de alguns encontros de responsáveis com Dom Giussani, no qual ele descreve o que é a Escola de Comunidade e explica o seu método; é uma ajuda para que o tenhamos mais conscientemente presente.

- Está para sair o Cartaz de Páscoa.

Num momento histórico no qual o Papa lançou o Ano da Fé, e no qual estamos fazendo a Escola de Comunidade com o tema da fé em Cristo, como nos disse Dom Giussani, com os olhos dos apóstolos, para percorrer a estrada que eles fizeram – do impacto com a Sua humanidade à pergunta sobre a Sua divindade –, repropor o texto do Cartaz permanente do movimento (que saiu em 1988). É acompanhado da imagem de Cristo de Masaccio – que expressa a atração, a potência da Sua divindade agora –, nos parece, para nós e para todos, o juízo mais consoante à situação atual em que estamos vivendo.

Usemo-lo, portanto, em nossos ambientes. É uma oportunidade para dizer a todos este juízo sobre a nossa história e a de todos. Leio-o para fazê-lo presente a todos: “O imperador interrogou os cristãos: ‘Homens estranhos... Dizei-me vós mesmos, ó cristãos, abandonados pela maioria de vossos irmãos e de vossos chefes, o que vos é mais caro no cristianismo?’. Levantou-se, então, o starets João e respondeu com doçura: ‘Ó grande rei, o que nos é mais caro no cristianismo é o próprio Cristo. Ele próprio e tudo o que dEle vem, porque sabemos que nEle habita corporalmente toda a plenitude da Divindade’”(Vladimir Soloviev, *Breve conto sobre o Anticristo*). Parece-me que, a partir do que vimos esta noite, começamos a entender que não é óbvio o que temos de mais caro. Tantas vezes nos surpreendemos descobrindo que aquilo que temos de mais caro não é Cristo mesmo, mas outras coisas que são conseqüências, não a Sua Presença, não a Sua Pessoa. O Cartaz, portanto, é um juízo, um chamado de atenção, para uma memória do que é o cristianismo. Tendo-o diante dos olhos durante o ano inteiro esperamos – como dissemos na apresentação da Escola de Comunidade – que cresça sempre mais o desejo de Cristo, mas isto está ligado ao que dissemos hoje: poderemos não desejar nada mais além disso, se entendermos do que precisamos; se, pelo contrário, a necessidade se reduzir, poderemos prescindir disso e nos contentarmos com algo menos do que Ele.

Veni, Sancte Spiritus